

O MOVIMENTO DA REVISTA *SUL* E A LITERATURA CATARINENSE

Salim Miguel

Não é exagero dizer-se que foi com o movimento da revista *Sul* que teve início uma reviravolta no campo da literatura catarinense. Se esta reviravolta foi benéfica ou não, se perdurará ou não, se alguns de seus elementos permanecerão, no momento não vem ao caso estudar nem terá grande importância para o que pretendemos. O que importa, o que conta de verdade é anotar o fato — eis o que estamos fazendo. Existe e é incontestável, quer queiram quer não.

Difícil se torna precisar o momento exato em que nasceu o movimento. Existia aquela natural efervescência, existia um grupo de jovens que de repente se encontrou, se viu junto nesta mui valerosa cidade de Nossa Senhora do Destêrro, discutindo os mais diversos problemas, quase se atacando em defesa deles. O mesmo que fazem milhares de outros jovens nas mais diversas partes do mundo. E existia a necessidade de extravasar, de vir para a rua. É que chega uma hora em que não bastam as leituras, não bastam os estudos em conjunto nem as discussões de grupo. Contudo, aqui, não havia meio, não havia ambiente, a nossa era uma imprensa limitada às medíocres discussõezinhas políticas de províncias só se preocupando com futricas e diz-que-diz-que. Ninguém iria dar atenção ao que um grupo de jovens pensava, muitos olhando-se desconfiadamente.

Devia porém existir um meio de romper as barreiras. A primeira manifestação pública foi um jornalzinho datilografado, que corria de mão em mão e que morreu no 4º número por não preencher as finalidades. Precisava-se de ambiente mais amplo, de maiores possibilidades, aquilo não bastava, sufocava-se. E surgiu um outro jornal, este já impresso, *Folha da Juventude*, informe, confuso, mas onde grande parte do grupo se ensaiou. Logo morreu do mal do 6º número. Era o diabo! O que não morreu com ele, pelo contrário, aumentou, foi o entusiasmo. Então andava-se lá por 1947 e o grupo se ampliara com outros elementos, conse-

guira “furar” os jornais da terra, esporadicamente publicava-se neles um que outro trabalho. Faziam-se reuniões, participava-se de debates, ia-se às conferências, em tudo metendo “os peitos”. Já se falava “na gente” — conforme se convencionou dizer. Era alguma coisa.

Teatro, cinema, pintura, música, política, literatura, tudo de uma maneira mais ou menos desordenada interessava aos componentes do grupo. E foram surgindo os primeiros espetáculos de teatro (“Teatro de Câmera”, “Teatro Experimental”); e foram sendo exibidos os primeiros filmes do Clube do Cinema; e foram realizados os primeiros serões musicais; e foram organizadas exposições de pintura, que culminou com a de Marques Rebelo, apresentando aqui pintores brasileiros contemporâneos.

Nesse meio tempo, depois de inúmeras reuniões, debates, confabulações, visitas às oficinas gráficas, orçamentos, acertos de contas, etc. surgira o primeiro número da revista *Sul*. Era o que estava faltando. A insatisfação maior girava em torno disto. Um órgão onde todos pudessem se manifestar francamente, dizer o que pensavam, da maneira como o pensavam. Um órgão onde se congregaram elementos das mais variadas tendências e correntes filosóficas, políticas, religiosas. Um órgão, afinal, que viria a dar nome ao grupo.

Agora que nove anos são passados desde o aparecimento da revista, talvez seja de algum interesse dizer como surgiu e como se fez o primeiro número. Mas não! As dificuldades, as lutas, as incompreensões que cercam uma publicação do gênero, são mais ou menos iguais em toda a parte. Especialmente nos lugares pequenos. E a história é por demais conhecida. É bom dizer, contudo, que, à época, havia uma verdadeira floração de publicações de novos. Todas tendo alguma coisa para dizer. Certa ou errada, mas tendo. Todas com uma mensagem, procurando refletir o ambiente, o meio e as condições sociais, a par dos problemas estéticos. Consciente ou inconscientemente, pois por mais que queira fugir uma pessoa ao seu meio, isto lhe é impossível. Ela, por bem ou por mal, o reflete. Era o que se dava, de uma maneira ou menos incipiente, como não poderia deixar de ser, porém vibrante de entusiasmo e esperança.

O número de tais publicações ultrapassava a casa dos trinta. Praticamente não havia Estado em que uma ou mais publicações não existissem. Citemos algumas entre as mais conhecidas: no R. G. do Sul, *Quixote*, *Fronteira*; no Paraná, *Joaquim*, uma das pioneiras; em São Paulo, *Revista Brasileira de Poesia*, *Tentativa*; no Rio, *Orfeu*, *Cronos*, *Revista Branca*; em Minas, *Terra da Verde*, surgia *Meia-pataca*; na Bahia, *Cadernos da Bahia*; no Ceará, *Clã*; em Pernambuco, *Nordeste*; no Rio Grande do Norte, *Bando*; no Maranhão, *Ilha*; no Piauí, *Meridiano*. E outras, muitas outras.

Foi no meio de tal efervescência que apareceu *Sul*. Nada mais nada menos do que outra revista de novos entre as já inúmeras revistas de novos. Com talvez uma única diferença, e que a caracterizou. *Sul* veio cair justamente num meio onde o movimento da “Semana de Arte Moderna” não havia chegado. Entre nós, para dar um exemplo, em matéria de literatura, os que avançavam muito conheciam o Manuel Bandeira da primeira fase, o Manuel Bandeira poeta do “Eu faço versos como quem chora...”, lamentando que depois se houvesse perdido um jovem “tão promissor”. No mais repetia-se os parnasianos, copiava-se um simbolismozinho de meia tigela para não esquecer “nosso Cruz e Souza”, repetia-se, até nas fórmulas, o Eça, que permanecia a última palavra das letras, para pessoas “super avançadas”, macaqueava-se mais um ou outro nome. Para uma confirmação da veracidade do que afirmamos é bastante folhear jornais ou publicações de uns poucos anos atrás.

Ora, num meio sem verdadeira tradição literária, com dois ou três nomes de peso nas letras nacionais (Cruz e Souza, muito bem, Luiz Delfino e Virgílio Várzea com restrições que mais?) sem publicações que se interessassem verdadeiramente pelas letras e artes, pelos problemas gerais de cultura, com jornais os mais provincianos possíveis preocupados só e exclusivamente com uma política mesquinha no que ela tem de menor e menos importante, num meio destes, que se poderia esperar? Nada! Era o que existia.

A Academia Catarinense de Letras era (é) uma bela adormecida... nos bosques da indiferença. Outros grupos não existiam. Havia um que outro lobo solitário das letras. Este, contudo, ou acabava se perdendo entre a apatia geral, ou emigrava para outros estados. Um marasmo total ia por tudo.

Foi em tal meio que apareceu a revista *Sul*. A princípio sem chamar maior atenção. A maioria dela não tomando conhecimento, meia dúzia de “donos da praça” achando que não iria além do terceiro número, uns quantos olhando beneplacitamente e com uma simpatia um tanto condoída, bem raros os que alcançavam ver mais longe, enquanto outros punham mãos à cabeça, horrorizados.

Mas veio o primeiro, veio o segundo, o terceiro, o quarto, quinto, décimo número e a revista resistindo, procurando se infiltrar, debater temas de interesse cultural, chamar a atenção para um sem número de problemas, sacudir o marasmo geral. Não acreditamos que o tenha conseguido na medida que seria necessário. Mas trabalhou e continua trabalhando para melhorar as condições ambientais. E abriu caminhos para os outros “novos”, fez o trabalho mais difícil e mais ingrato.

E quase pode-se dizer sem medo de erro que fez, em condições diferentes, e em escala municipal provinciana, embora a longo prazo, o que a "semana" fez em São Paulo. Repetiu em 47 o 22. Um anacronismo, já se vê. Inclusive com repetição até dos mesmos absurdos, das mesmas brincadeiras, do mesmo espírito "pour épater". Logicamente que num outro clima. Mas em síntese, e a priori, a coisa foi a mesma. Com idêntica repercussão com debates, brigas etc.

Dos primeiros números da revista, ainda informes, até hoje, um bom caminho foi andado. Muita coisa certamente há que revisar; muitos pontos são passíveis de crítica. Pode ser que, no futuro, individualmente falando, nenhum nome do grupo fique com uma realização. Mas sobrará o movimento em si. Ficará como um todo, desigual mas coerente na sua procura de uma expressão e de uma cultura nacional. Eis porque, neste depoimento, timbramos em não citar nomes. Procuramos, apenas, dar um ligeiro panorama do movimento *Sul* dentro nas letras catarinenses. Hoje em dia é impossível falar-se em literatura catarinense sem se falar no grupo da revista *Sul*. Com a revista, já no 26º número, com as edições (6), com os cadernos (3), com tudo o mais que realizou e vem realizando, trabalha para integrar a literatura catarinense no conjunto das demais literaturas regionais do Brasil, isto sem nenhum caráter de ostensivo regionalismo, mas sempre dentro de um ponto de vista nacional e popular, ligado às coisas do povo e que é, em síntese, a melhor maneira de realizar uma obra universal.

Não temos, nem de leve, o convencimento de julgar que foi modificado de maneira total, o ambiente e como deveria ter sido, seguindo-se ou não as idéias da revista. Mas que houve uma modificação, e para melhor, isto é inegável. A revista serviu como um reativo, um estimulante. E arejou o meio, permitiu o aparecimento de outros grupos, de outros elementos, alguns integrando-se no próprio espírito da revista, enquanto outros se distanciavam e a atacavam. Sem perceber o quanto a ela deviam.

(In *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 maio 1956)